

Poemas irlandeses

Marcelo Tápiá

Brendan Kennelly

(De *A time for voices – selected poems 1960-1990*)

PROOF

I would like all things to be free of me,
Never to murder the days with presupposition,
Never to feel they suffer the imposition
Of having to be this or that. How easy
It is to maim the moment
With expectation, to force it to define
Itself. Beyond all that I am, the sun
Scatters its light as though by accident.

The fox eats its own leg in the trap
To go free. As it limps through the grass
The earth itself appears to bleed.
When the morning light comes up
Who knows what suffering midnight was?
Proof is what I do not need.

PROVA

Queria que tudo fosse livre de mim,
Nunca matar os dias com suposições,
Nunca sentir que eles sofrem imposições
De serem isto e não aquilo. É fácil, sim,
Mutilar o momento, aleijá-lo
Com expectativas, forçá-lo a definir-se
A si mesmo. Além de tudo que sou, o sol
Espalha seus raios como se por acaso.

A raposa come o próprio pé na armadilha
Para livrar-se. Enquanto manca pela relva,
É a terra que parece sangrar.
Quando chega, então, a luz do dia,
Quem sabe da dor que a noite leva?
De prova é que não vou precisar.

Seamus Heaney

(De *A spirit level*)

THE POPLAR

Wind shakes the big poplar, quicksilvering
The whole tree in a single sweep.
What bright scale fell and left this needle quivering?
What loaded balances have come to grief?

○ ÁLAMO

O vento agita o alto álamo, prateando
Toda a árvore numa só varredura.
Que abalo pôs essa agulha tremulando?
Que desequilíbrio trouxe a desventura?

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

REMEMBERED COLUMNS

The solid letters of the world grew airy.
The marble serifs, the clearly blocked uprights
Built upon rocks and set upon the heights
Rose like remembered columns in a story

About the Virgin's house that rose and flew
And landed on the hilltop at Loreto.
I lift my eyes in a light-headed credo,
Discovering what survives translation true.

COLUNAS EVOCADAS

As letras do mundo tornaram-se etéreas.
Serifas de mármore, sólidas hastes
Erguidas nas rochas e postas nos ápices
Ascenderam como as colunas na história

Da casa da Virgem, que ascendeu ao céu
E pousou no alto da colina em Loreto.
Elevei o olhar num delirante credo
E vi o que subsiste à tradução fiel.

(De *Death of a naturalist*)

STORM ON THE ISLAND

We are prepared: we built our houses squat,
Sink walls in rock and roof them with good slate.
This wizened earth has never troubled us
With hay, so, as you see, there are no stacks
Or stooks that can be lost. Nor are there trees
Which might prove company when it blows full
Blast: you know what I mean – leaves and branches
Can raise a tragic chorus in a gale
So that you listen to the thing you fear
Forgetting that it pummels your house too.
But there are no trees, no natural shelter.
You might think that the sea is company,
Exploding comfortably down on the cliffs,
But no: when it begins, the flung spray hits
The very windows, spits like a tame cat
Turned savage. We just sit tight while wind dives
And strafes invisibly. Space is a salvo,
We are bombarded by the empty air.
Strange, it is a huge nothing that we fear.

TEMPESTADE NA ILHA

Estamos preparados: as casas robustas,
Têm paredes postas na pedra e bem cobertas.
Esta terra seca nunca nos perturbou
Com feno, assim, como pode ver, não há medas
Ou montes que possam perder-se. Nem há árvores
Que nos façam companhia ao soprar violento
O vento: sabe o que digo – folhas e galhos
Entoam um coro trágico no vendaval
De forma que você escute ao que teme e
Esqueça que ele também golpeia a sua casa.
Não há árvores, nem abrigo natural.
Você pensaria que o mar é companheiro,
Explodindo tranqüilo abaixo dos penhascos,
Mas não: quando começa, os borrifos atingem
As janelas, cospem qual gato manso feito
Selvagem. Abraçamo-nos enquanto o vento,
Invisível, atira. O espaço é uma rajada,
Somos bombardeados pelo ar vazio.
Estranho, o que tememos é um enorme nada.

Michael Hartnett

(De *A farewell to English*)

5

I say farewell to English verse,
to those I found in English nets:
my Lorca holding out his arms
to love the beauty of his bullets,
Pasternak who outlived Stalin
and died because of lesser beasts;
to all the poets I have loved
from Wyatt to Robert Browning;
to Father Hopkins in his crowded grave
and to our bugbear Mr Yeats
who forced us into exile

on islands of bad verse.

Among my living friends
there is no poet I do not love
although some write
with bitterness in their hearts;
they are one art, our many arts.

Poets with progress
make no peace or pact.
The act of poetry
is a rebel act.

5

Eu digo adeus ao verso inglês,
que achei, por certo, em rede inglesa:
meu Lorca estendendo seus braços
a fim de amar a beleza das balas,
Pasternak, que sobreviveu a Stálin
e morreu devido a menores bestas;
a todos os poetas que amei,
de Wyatt a Robert Browning;
ao Padre Hopkins na tumba sempre cheia
de gente, e ao nosso bicho-papão Yeats,
que nos impôs o exílio

em ilhas de maus versos.

Entre os meus amigos vivos
não há poeta que eu não ame,
ainda que alguns escrevam
com seus corações tão acres;
eles são uma arte, nossas muitas artes.

Poetas que prosseguem
não fazem paz nem pacto.
O ato da poesia
É rebelde de fato.

7

This road is not new.
I am not a maker of new things.
I cannot hew
out of the vacuum-cleaner minds
the sense of serving dead kings.

I am nothing new.
I am not a lonely mouth
trying to chew
a niche for culture
in the clergy-cluttered south.

But I will not see
great men go down
who walked in rags
from town to town
finding English a necessary sin,
the perfect language to sell pigs in.

I have made my choice
and leave with little weeping.
I have come with meagre voice
to court the language of my people.

Não é nova esta estrada,
nem coisas novas eu forjo.
Não pode ser retirada
das mentes aspirador-de-pó
a idéia de servir a reis mortos.

Não sou novo em nada.
Nem uma boca só eu sou
tentando ver se cava
um nicho para a cultura
no clero-conturbado sul.

Mas não verei, calado,
a queda dos grandes:
os que andam em trapos
pelas cidades, errantes
tendo no inglês um preciso pecado,
língua pra vender porcos no mercado.

Fiz minha escolha e parto
com mínimo choro.
Vim com minha voz parca
cortejar a língua do meu povo.

(De *A necklace of wrens*)

THE LAST VISION OF EOGHAN RUA Ó SÚILLEABHÁIN

The cow of morning spurted
milk-mist on each glen
and the noise of feet came
from the hills' white sides.
I saw like phantoms
my fellow-workers
and instead of spades and shovels
they had roses on their shoulders.

A ÚLTIMA VISÃO DE EOGHAN RUA Ó SÚILLEABHÁIN

A vaca da manhã jorrou
névoa-leite em cada vale
e o ruído de pés veio
dos lados alvos das colinas.
Vi como fantasmas
meus companheiros
e em vez das costumeiras pás
tinham rosas em suas espáduas.

Michael Longley

CEASEFIRE

I

Put in mind of his own father and moved to tears
Achilles took him by hand and pushed the old king
Gently away, but Priam curled up at his feet and
Wept with him until their sadness filled the building.

II

Taking Hector's corpse into his hands Achilles
Made sure it was washed and, for the old king's sake,
Laid out in uniform, ready for Priam to carry
Wrapped like a present home to Troy at daybreak.

III

When they had eaten together, it pleased them both
To stare at each other's beauty as lovers might –
Achilles built like a god, Priam good-looking still
And full of conversation, who earlier had sighed:

IV

'I get down on my knees and to what must be done
And kiss Achilles' hand, the killer of my son.'

CESSAR-FOGO

I

Relembrando o próprio pai, lacrimoso, Aquiles
Tomou a mão do velho rei; com gentileza
Afastou-o, mas Príamo abraçou-lhe os pés:
Choraram, e a tenda inundou-se de tristeza.

II

Tendo nas mãos o corpo lavado de Heitor,
Aquiles, que respeito pelo rei nutria,
Embrulhou-o numa túnica, qual presente
A ser ofertado a Tróia ao raiar do dia.

III

Cearam juntos e, então, admiraram a
Beleza um do outro, como o fariam amantes –
Aquiles qual um deus, Príamo ainda belo
E pleno de prosa, ele que suspirara antes:

IV

“Faço o que devo: posto de joelhos me humilho;
Beijo a mão de Aquiles, que aniquilou meu filho.”

Nota do trad.: “Ceasefire” – escrito, segundo o autor, quando “se rezava em seu país por um cessar-fogo do Ira” – recria um episódio do canto XXIV da *Iliada* de Homero, no qual o rei Príamo, de Tróia, suplica a Aquiles que lhe entregue o cadáver (ultraçado) de seu filho Heitor.

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

FROZEN RAIN

I slow down the waterfall to a chandelier,
Filaments of daylight, bones fleshed out by ice
That recuperate in their bandages of glass
And, where the lake behaves like a spirit level,
I save pockets of air for the otter to breathe.

I magnify each individual blade of grass
With frozen rain, a crop of icicles and twigs,
Fingers and thumbs that beckon towards the thaw
And melt to the marrow between lip and tongue
While the wind strikes the branches like a celeste.

CHUVA CONGELADA

Reduzo a cascata a um candelabro, fios
De luz, ossos descarnados pelo gelo
Que se refazem nas bandagens de vidro
E, onde o lago age como nível de bolha,
Guardo bolsas de ar para que a lontra viva.

Aumento uma a uma as lâminas de grama
Com brotos, chuva congelada e sincelos,
Polegar, dedos que apontam o degelo
Derretem, entre o lábio e a língua, até o âmago
Enquanto o vento toca órgão nos ramos.

Derek Mahon

THE SNOW PARTY
for Louis Asekoff

Basho, coming
To the city of Nagoya,
Is asked to a snow party.

There is a tinkling of china
And tea into china;
There are introductions.

Then everyone
Crowds to the window
To watch the falling snow.

Snow is falling on Nagoya
And farther south
On the tiles of Kyoto.

Eastward, beyond Irago,
It is falling
Like leaves on the cold sea.

Elsewhere they are burning
Witches and heretics
In the boiling squares,

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

Thousands have died since dawn
In the service
Of barbarous kings;

But there is silence
In the houses of Nagoya
And the hills of Ise.

A FESTA DA NEVE
para Louis Asekoff

Bashô, ao chegar a
Nagoya, é chamado
A uma festa da neve.

Há um tinido de xícaras
E chá vertido nas xícaras;
Há apresentações.

Então todos se juntam
Diante da janela
Para ver a neve que cai.

A neve cai em Nagoya
E mais para o sul
Sobre os telhados de Kyoto.

A leste, além de Irago,
Ela cai como folhas
Sobre o mar gelado.

Longe, queimam
Bruxas e hereges
Em praças ferventes,

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

Milhares morreram
Desde a aurora
A serviço de reis bárbaros;

Mas há silêncio
Nas casas de Nagoya
E nas colinas de Ise.

Richard Ryan

AT THE END

From the Japanese of Matsuo Basho

My spirit and flesh, parting now –
trails of mist here, there,
dwindling in the bone forest.

FIM

Do japonês de Matsuó Bashô

Meus espírito e carne apartam-se agora –
rastros de névoa aqui, acolá,
dissipam-se na floresta de ossos.

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

Aidan Carl Mathews

THE DEATH OF IRISH

The tide gone out for good,
Thirty-one words for seaweed
Whiten on the foreshore.

A MORTE DO IRLANDÊS

A maré vazia de vez,
Trinta e uma palavras para alga
Empalidecem na praia.

Sobre os autores

Brendan Kennely nasceu em Kerry, em 1936. Publicou, entre outros, os livros *Getting up early* (1966), *Good souls to survive* (1967), *Bread* (1971), *Love Cry* (1972), *The voices* (1973), *Islandman* (1977), *The boats are home* (1980), *Cromwell* (1983) e *A time for voices: selected poems 1960-1990* (1990).

Seamus Heaney nasceu em 1939, no Condado de Derry, Irlanda do Norte. Publicou, entre outros, os livros de poemas *Death of a naturalist* (1966), *Door into the dark* (1969), *North* (1975), *Station Island* (1984) e *The spirit level* (1996), bem como diversos volumes de crítica literária. Ocupou a cadeira de poesia em Oxford por seis anos, e recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1995. Integrou o “Grupo de Belfast” (também conhecido como “Escola do Norte”).

Michael Hartnett / Micheál Ó hArtnéide, nascido em 1941, em Limerick, e morto em 1999, em Dublin, é conhecido por sua atitude contestatória em relação à adoção da língua inglesa pelos poetas irlandeses (durante um período de dez anos, deixou de escrever em inglês, para “produzir apenas na língua do seu povo”). Publicou, entre outros, os livros *Anatomy of a cliché* (1968), *A necklace of wrens* (livro bilíngüe, inglês-irlandês) e *A farewell do English* (1975). Recebeu um prêmio do American Fund Literary; era membro da Aosdána (organização que reúne criadores cujo trabalho tenha especialmente contribuído com a arte irlandesa).

Michael Longley nasceu em Belfast, em 1939. Publicou, entre outros, os livros de poemas *No continuing city* (1969), *Man lying on a wall* (1976), *Poems 1963-1983* (1984), *The ghost orchid* (1995) e *Broken dishes* (1998). É membro da Royal Society of Literature, da Aosdána e do Cultural Traditions Group, que promove a aceitação da diversidade cultural na Irlanda do Norte. Integrou o “Grupo de Belfast”.

Derek Mahon, nascido em Belfast em 1941, publicou, entre outros, os livros de poemas *Night-crossing* (1968), *Ecclesiastes* (1970), *The snow*

TÁPIA, Marcelo. Poemas irlandeses

party (1975), *Poems 1962-78* (1979) e *Selected poems* (1993). É autor de diversas peças teatrais, como *The bacchae: after Euripides* (1991). Editou as antologias *Modern Irish poetry* (1972) e *The Penguin book of contemporary Irish poetry*. Recebeu diversos prêmios, entre eles o Irish American Foundation e o Lannan Foundation. Integrou o “Grupo de Belfast”, e é membro da Aosdána.

Aidan C. Mathews nasceu em Dublin, em 1956. Publicou, entre outros, os livros de poemas *Windfalls* (1977) e *Minding Ruth* (1983), além do volume de narrativas breves *Adventures in a Bathyscope* (1988).

Richard Ryan nasceu em Dublin, em 1946. Publicou *Ledges* (1970) e *Rave* (1973). É embaixador da Irlanda e representante permanente do país nas Nações Unidas.

SOBRE O TRADUTOR

Marcelo Tápia é poeta, editor e tradutor. Publicou os livros *Primitipo* (1982), *O bagatelistas* (1985), *Rótulo* (1990), *Livro aberto* (1992) e *Pedra volátil* (1996), além dos volumes de tradução *James Joyce – poemas* (1985 / 1990), *Haikais do tempo / Tankas e haikais da lua* (1997) e *A forja – alguma poesia irlandesa contemporânea* (2004). Graduou-se em português e grego na FFLCH-USP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALLON, Peter e MAHON, Derek (ed.). *The Penguin book of contemporary Irish poetry*. Londres: Penguin Books, 1990.

MULDOON, Paul (ed.). *The Faber book of contemporary Irish poetry*. Londres: Faber and Faber, 1986.

HARTNETT, Michael. *Collected poems*. Dublin: The Gallery Press, 2001.

- HEANEY, Seamus. *Death of a naturalist*. Londres: Faber and Faber, 1991.
_____. *The spirit level*. Londres: Faber and Faber, 1996.
- LONGLEY, Michael. "Two peace poems and a few thoughts about them".
In: ABEI Newsletter. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Irlandeses, junho de 1997.